

RETRATOS BAIANOS

Memória e valor de culto na Primeira República. [1889 – 1930]

Afrânio Mário Simões Filho *

75

CADERNOS DO MAV - EBA - LIFEIA

A forte presença dos retratos no imaginário social da cidade de Salvador, durante as primeiras quatro décadas da República, é fenômeno muito pouco estudado. Desvendar o que essas imagens representam é aventurar-se por caminhos desconhecidos a procura dos sinais que esses rostos revelam. Pertencam a acervos públicos ou particulares, os retratos pintados desse período evidenciam muitos aspectos sociais da antiga capital colonial que vivenciava profundas transformações durante todo o período. Mudava o regime político e a cidade se modernizava.

A Primeira República (1889 – 1930) reservou um papel de destaque aos retratos. As telas guardadas em museus e instituições sócio-culturais da cidade são apóstrofes de circunstâncias referentes ao momento inicial da República na Bahia. O estatuto republicano teve que conviver com antigos hábitos de raízes coloniais, acrescidos de outros forjados durante o Império. O peso desse passado marcou profundamente os usos e costumes locais. As mudanças advindas do regime republicano tiveram que se adaptar aos interesses das lideranças locais.

Os mais antigos *retratos baianos*¹ datam do final do século XVII². Os exemplares remanescentes do período colonial são poucos. Entretanto, vale registrar que, em seguida à supremacia absoluta da pintura decorativa religiosa, a pintura de retratos foi, ainda que em muito menor escala, gênero de presença destacada durante a colônia.

Nesse período, as irmandades leigas³ foram as maiores consumidoras de retratos. Eternizaram fundadores, provedores, grandes beneméritos e outros personagens de alta consideração nas paredes de suas sedes. As instituições da administração pública também costumavam homenagear governantes através da colocação de retratos nos seus salões. Raros exemplares de pinturas de governadores da colônia são encontrados nos salões de edifícios públicos.⁴

Os ricos senhores associados a irmandades patrocinavam vultosas doações e, dessa forma, granjeavam o respeito da população da cidade. Além de sinceros motivos religiosos⁵, essas ações de benemerência asseguravam a glória terrena do patrocinador. As ações filantrópicas eram muito valorizadas. Considerava-se que os melhores cidadãos deviam ser os mais generosos⁶. As irmandades guardavam lugar de destaque aos grandes beneméritos nas suas galerias de retratos. O prestígio dos doadores estava garantido, e ter a imagem eternizada mediante a colocação da pintura da *efígie perpétua* no salão nobre de uma dessas irmandades, era aspiração de muita gente grada da cidade.

Privilégio de poucos, antes do século XIX, eram raros os retratos na Bahia. Com a transferência da família real portuguesa para o Brasil, os novos hábitos da alta sociedade⁷ modificaram o panorama do salonismo local. A presença da Corte aumentou o interesse por ambientes luxuosos e maneiras européias. Dos salões do Rio de Janeiro emanavam a moda e os costumes para outros centros da colônia. A primazia da pintura de temática religiosa vivia o seu ocaso. A arte oficial que se estabeleceu dava grande importância à pintura histórica e aos retratos, fundamentais à vida na corte⁸.

Após a Independência, o projeto romântico de construção de uma identidade brasileira fez da formação de um panteão nacional de heróis um elemento fundamental. Homenagens a grandes vultos da nacionalidade eram patrocinadas por instituições culturais e artísticas do Império. Os retratos encontravam-se no centro das cerimônias. Para atender a grande demanda as encomendas de pinturas patrocinadas por instituições culturais e científicas aumentaram.

Durante o Segundo Reinado, foi crescente o interesse pela trajetória individual dos grandes homens. Dicionários biográficos começaram a surgir, com edições para todos os bolsos. O papel do grande homem como fator explicativo e determinante dos acontecimentos caracterizava o texto dessas biografias. Era valorizado o potencial pedagógico do modelo moral do homem notável para a formação das novas gerações. O retrato corresponde ao gênero da biografia na literatura. A partir de 1860 surgiram as primeiras publicações de álbuns de biografias ilustradas com os retratos dos indivíduos destacados da política, ciências e letras⁹.

Os políticos pertenciam a um reduzido número de homens letrados, em meio a uma população majoritariamente analfabeta. O título de bacharel era extremamente cultuado. O povo devotava respeito quase religioso a esses doutores. Em Salvador, a Faculdade de Medicina foi, por muito tempo, o centro da cultura erudita. A partir do início do século XX, a Faculdade de Direito e a Politécnica passaram a dividir os interesses acadêmicos. As galerias de retratos mantidas por essas faculdades estão repletas de figuras expressivas da política local e nacional.

A distribuição de títulos de nobreza e condecorações, por parte dos imperadores, teve o propósito de formar uma elite política. Instituiu-se, dessa forma, uma aristocracia brasileira bastante original¹⁰. Para a nobreza tropical, inspirada em modelos europeus, possuir o retrato pintado por um artista de renome era atributo indispensável aos titulares do Império. A decoração de um salão requintado não podia prescindir da presença da imagem do dono da casa ou de seus antepassados¹¹.

Encomendas oficiais, além da grande demanda por pinturas para a decoração dos salões da emergente corte brasileira, atraíram para o Brasil uma série de artistas estrangeiros¹². Muitos deles dedicavam-se aos retratos, que representavam uma importante fonte de renda.

Em 1876, chegou a Salvador o professor de pintura Miguel Navarro Cañizares. Durante a sua permanência na Bahia, produziu vários retratos. A cidade não trazia muitas possibilidades ao artista espanhol. Cañizares se ofereceu, gratuitamente, para dar aulas de pintura no Lyceu de Artes e Ofícios¹³. *Em conseqüência do ajuste de um retrato de D. Pedro II, mandado fazer pela direção do Lyceu, resultou a retirada do professor Cañizares, em princípios de dezembro de 1877*¹⁴. Dias depois, era fundada a Escola de Belas Artes da Bahia, em condições muito modestas¹⁵.

A situação financeira do professor Cañizares piorou de tal maneira que o artista transferiu-se para o Rio de Janeiro, em 1881. As encomendas por retratos não eram muito constantes, e o artista precisou valer-se do auxílio de seus discípulos¹⁶.

Desde que a capital da colônia havia sido transferida para o Rio de Janeiro, a cidade de Salvador havia reduzido o seu ritmo de crescimento¹⁷. Apesar disso, não perdeu a condição de centro aristocrático que apreciava o luxo de grandes recepções e bailes¹⁸. A alta roda local gabava-se de ser mais refinada, elegante e alegre que a do Rio de Janeiro¹⁹. As maiores recepções reuniam personalidades influentes da administração pública e da iniciativa privada. Afinal, como costumava dizer o barão de Cotegipe (1815 – 1889), *não se faz política sem bolinhos*²⁰.

A monarquia brasileira foi caso único no continente. Em 1889, comemorava-se o centenário da Revolução Francesa. Os ideais revolucionários faziam florescer sentimentos de afinidade por toda a América. A monarquia brasileira era um artificialismo sem sentido.

Os imperadores Pedro I e Pedro II foram retratados por diversos artistas. Em comemoração às datas natalícias dos monarcas, as províncias organizavam grandes homenagens aos monarcas. Nessas ocasiões, a participação do retrato era fundamental. A programação das cerimônias costumava incluir o culto de reverência à *augusta efigie* do Imperador²¹. Esse detalhe do protocolo causava estranheza aos convidados europeus²².

D. Pedro II foi muito admirado na Bahia. Em quase todos os seus gabinetes figuraram nomes da política baiana. O apreço do Imperador pela província nordestina era alardeado pela sociedade local. Em 1859, quando fez uma viagem ao nordeste e demorou-se por mais de um mês na Bahia, D. Pedro manteve um diário no qual fez observações detalhadas sobre os ambientes que conheceu. Anotou que, quando visitou o Paço da Câmara de Salvador, encontrou, no salão do plenário, entre outras pinturas, um retrato de seu pai²³ e outro que era o seu próprio.

Os inúmeros retratos existentes do último imperador brasileiro permitem acompanhar as transformações sofridas pela figura do monarca durante todo o seu longo reinado. Foi retratado em várias fases da vida, desde muito menino. Há pinturas que o retratam adolescente, imberbe, outras com pouca barba. Depois aparece completamente barbado e, finalmente, encanecido. Nos retratos oficiais que se seguiram à coroação, a indumentária de grande gala do monarca era fortemente elaborada com símbolos nacionais. Nos últimos anos, a coroa e toda a cenografia da representação imperial foram abandonadas, e o imperador, inspirado no rei Luis Felipe de França²⁴, passou a se apresentar de cartola, vestido de preto como um burguês.

Diante de uma pintura sem data do imperador brasileiro, é possível ao observador atribuir um período aproximado para a obra, segundo a aparência que o monarca apresenta. O retrato ainda conservado na Câmara Municipal de Salvador é uma pintura do artista baiano João Francisco Lopes Rodrigues (1825 – 1893). A tela não é datada, mas, certamente, não foi este o retrato que o monarca encontrou por ocasião da sua visita, em 1859²⁵. A pintura é posterior²⁶, já que nela o Imperador se encontra com a barba e os cabelos totalmente grisalhos. Por maior que fosse o envelhecimento precoce de D. Pedro II, resultado das inúmeras responsabilidades assumidas em plena juventude, o monarca estava apenas com trinta e quatro anos²⁷ quando visitou a Bahia. Não poderia estar totalmente encanecido²⁸, como o retratou o pintor baiano.



Retrato de D. Pedro II, óleo sobre tela de João Francisco Lopes Rodrigues, sem data.
Acervo da Câmara Municipal de Salvador

O retrato do monarca²⁹ inaugurado em sessão solene na Associação Comercial da Bahia, na noite de 17 de novembro de 1859, serve de parâmetro. D. Pedro não se encontra com os cabelos brancos. O diário de viagem traz detalhes do baile promovido para inauguração da pintura. O casal real foi recebido de maneira efusiva. Na parte mais alta da fachada iluminada do palácio da Associação, uma pirâmide trazia, em grandes letras, o nome dos monarcas – *Pedro e Tereza*. As árvores da praça estavam enfeitadas com globos de papel iluminados. O grande salão estava decorado por grinaldas de flores naturais. Grande destaque tinha o retrato do monarca³⁰, encimado por uma coroa de ouro. Comparado com o retrato existente na Câmara é flagrante a diferença.

D. Pedro II era muito admirado. Tanto entre os cidadãos mais ricos como entre as camadas mais populares era reverenciado como rei magnânimo. Sua figura se destacou como nenhuma outra no cenário nacional.

Ridicularizado, ao final do reinado³¹, como governante de pulso fraco que não sabia coibir os excessos da corte, D. Pedro II voltou a ser valorizado pela opinião pública, na República, como modelo de estadista associado a qualidades morais. Após a Proclamação, as lideranças militares que assumiram o poder se esforçaram para fazer a população esquecer a figura do imperador.

Entretanto a admiração pelo monarca tinha raízes profundas. Ao tomar conhecimento do falecimento do monarca no exílio, em 1891, a confraria de negros, *Sociedade Protetora dos Desvalidos*³², com sede em Salvador, enviou à família imperial votos de pesar. Além de um centro abolicionista, a sociedade era uma agência de prestígio, pois representava para seus integrantes uma possibilidade de projeção social. Como as irmandades tradicionais da cidade, mantinha uma galeria de retratos³³ de integrantes destacados por serviços prestados à causa da sociedade. Em assembléia geral foi deliberado colocar, no salão nobre da instituição, a fotografia de sua majestade imperial³⁴.

A valorização da imagem de D. Pedro II se manteve ao longo de toda a Primeira República³⁵. Até mesmo os principais propagandistas e participantes do movimento perceberam que aquela não era a República que haviam sonhado³⁶. A monarquia constitucional havia sido um regime de maior liberdade de expressão e de respeito aos direitos civis. A *falência deplorável da República*³⁷ reacendeu o *sentimento monárquico*³⁸.

Os retratos pintados durante as primeiras décadas da República testemunham a grande valorização conferida ao Império e à nobreza brasileira. O culto ao Império atribuía grande importância à memória de elementos que se formaram em torno da figura do Imperador. A Bahia conservadora valia-se dessas imagens para se associar a esse passado.

O período de maior endurecimento do novo regime, em seus primeiros anos, correspondeu ao mandato do presidente Floriano Peixoto (1839 – 1895)³⁹. O segundo presidente republicano foi objeto de uma idolatria que nenhum outro homem público havia conhecido⁴⁰. Símbolo da consolidação da República, o caboclo rústico alagoano foi considerado o homem de pulso que a nação precisava para chefe de estado. A construção do mito de origem da República brasileira reservou papel relevante aos fundadores do regime. Para os maiores e tenentes positivistas, a figura do marechal de ferro representava a antítese da imagem do imperador permissivo que se atribuía a D. Pedro II. Consideravam que a manutenção da ordem era condição necessária ao progresso e cometiam os maiores desmandos em nome do Marechal Floriano.

A leitura de textos literários do período oferece um testemunho de valor inigualável. A fase jacobina da República encontra-se muito bem caracterizada no romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto (1881 – 1922), escrito em 1915⁴¹. O autor dedica ao marechal Floriano atenção especial e pinta um retrato surpreendente do ditador. Para o escritor carioca o marechal parecia não ter nervos e sua calma de grande homem de estado ou de guerreiro extraordinário nada mais era do que o reflexo da sua preguiça doentia⁴². O detalhe prosaico do palito pendente no canto da boca do marechal de ferro completa o retrato desolador do militar que não revelava nenhum dote superior.

O retrato do marechal Floriano pertencente ao acervo da Câmara Municipal de Salvador é de autoria do pintor sergipano radicado na Bahia Oséas Santos (1865 – 1949). Célebre pintor dos tipos simples da cidade, Oséas soube representar os traços *flácidos e grosseiros* do ditador com seu bigode caído e a grande “mosca” sob o lábio *inferior pendente e mole*⁴³. O quadro é datado de 1894⁴⁴. Foi inaugurado no salão nobre da Câmara a 12 de maio. Vivia-se então o auge da idolatria ao seu nome. A pintura trazia a legenda: *Gratidão da Bahia Republicana*⁴⁵.



Retrato de Floriano Peixoto, óleo sobre tela de Oséas Santos, 1894. Acervo da Câmara Municipal de Salvador.

Oséas Santos veio muito jovem para a Bahia. Quando pintou o retrato de Floriano tinha vinte e nove anos. A temática social esteve muito presente na sua obra. Apreciava retratar tipos populares. Conheceu relativo sucesso e suas pinturas foram muito publicadas em revistas que circulavam em Salvador. Lecionou na cadeira de desenho figurado da Escola de Belas Artes da Bahia e também em colégios da capital. Morreu com oitenta e quatro anos. Deixou obra muito extensa onde transitou por variados gêneros.

Outro retrato do marechal Floriano Peixoto existe na Câmara Municipal de Cachoeira. Foi pintado pelo baiano José Antonio da Cunha Couto (1832 – 1894), artista muito atuante no período entre os últimos anos do Império e o princípio da República. Foi um dos últimos trabalhos de Couto que também foi fotógrafo com estúdio montado no largo de São Bento⁴⁶.

A popularização do uso da fotografia significou uma mudança na compreensão da arte. Mesmo assim o retrato era o principal tema das primeiras fotografias. A última trincheira de resistência na luta pela permanência do *valor de culto* na obra de arte⁴⁷ foi o rosto humano. A origem dos retratos para servir ao culto dos antepassados ainda marcava

o interesse por essas imagens. O retrato tem o poder de conferir imortalidade ao retratado.

Os retratos pintados mantinham o seu prestígio. Era comum o uso de fotografias como modelo para a confecção da pintura. Os artistas que amargavam enormes dificuldades de sobrevivência em Salvador tinham nas encomendas de retratos uma fonte considerável de renda. A vida do pintor não era nada fácil. O conservadorismo reinante considerava a arte coisa de boêmios e desocupados. Para ser levado a sério o sujeito tinha de ser médico, advogado ou engenheiro⁴⁸.

Considerado o maior pintor baiano de seu tempo, Manoel Lopes Rodrigues (1859 – 1917) viveu sérias dificuldades no final de sua carreira na Bahia. Era filho de João Francisco Lopes Rodrigues e estudou no Rio de Janeiro. Foi ajudado por D. Pedro II, que financiou sua partida para Paris, onde completou os estudos com sucesso. Após a Proclamação da República, o governo militar fez um levantamento dos artistas subsidiados pelo Império no exterior e suspendeu todas as bolsas. Por iniciativa de Rui Barbosa foi decretado a Lopes Rodrigues uma pensão de seis mil francos anuais que perdurou até abril de 1894. Sem recursos, o artista baiano, medalha de ouro no *salon* de 1895, teve de retornar à sua terra natal.

Pintar retratos foi o meio de subsistência que encontrou, depois de sua chegada, em 1896. Realizou encomendas para várias instituições públicas e privadas que, com grande frequência, inauguravam, em seus salões, um novo retrato para compor galerias históricas. Em 1897, o assassinato do marechal gaúcho Carlos Machado Bitencourt (1840 – 1897)⁴⁹ foi assunto que despertou grande interesse na cidade. Sem demora, três instituições⁵⁰ resolveram homenagear o heroísmo do Ministro da Guerra que, meses antes, havia visitado a cidade na sua viagem ao sertão da Bahia, motivada pelos conflitos de Canudos. Para isso, três retratos desse outro veterano da Guerra do Paraguai foram encomendados por três instituições da cidade. As três encomendas foram feitas a Lopes Rodrigues, que havia acabado de chegar da Europa. As pinturas são idênticas, executadas com grande apuro técnico.



Retrato do Marechal Carlos Machado Bitencourt, óleo sobre tela de Manoel Lopes Rodrigues, 1897. Acervo da Câmara Municipal de Salvador



Retrato do Marechal Carlos Machado Bitencourt, óleo sobre tela de João Francisco Lopes Rodrigues, 1898. Acervo do Museu de Arte da Bahia.

Mas as oportunidades de trabalho eram poucas. Para Lopes Rodrigues, a pintura passou a um segundo plano, e o infeliz artista⁵¹ foi obrigado a ensinar desenho e a tirar fotografias para sobreviver. Por fim, abriu uma lojinha onde vendia miudezas.

Os veteranos da Guerra do Paraguai destacavam-se no panteão de heróis nacionais. O conflito forneceu uma série de nomes para ruas, praças, becos e vielas⁵². As cidades se transformavam com a abertura de novas avenidas. As comemorações ligadas a feitos militares eram celebradas com grande participação popular. Concorridas manifestações públicas rememoravam as batalhas vitoriosas do exército brasileiro. Nessas ocasiões, os retratos dos heróis nacionais mereciam destaque. A cultura cívica era muito influenciada pela mentalidade positivista que atribuía à história uma função pedagógica na construção da identidade nacional.

A aversão dos militares pela elite de bacharéis era notória. As marcas dessa animosidade permaneciam presentes nos anos iniciais da República brasileira⁵³. Apenas a figura de Rui de Barbosa (1849 – 1923) era respeitada. Foi ele o responsável por elaborar quase todos os atos inaugurais do novo regime⁵⁴. Os positivistas respeitavam suas opiniões. Antes das desavenças com Floriano⁵⁵, o marechal costumava dizer sobre Rui: *Ele pensa por nós*⁵⁶.

Rui Barbosa simbolizava o civilismo. Teve participação marcante em episódios vividos no período da consolidação do projeto republicano. A sua capacidade intelectual era aclamada por todos⁵⁷. A sua carreira profissional estava repleta de provas de uma inteligência fenomenal⁵⁸. A mística em torno de seu nome se expressava das mais diferentes maneiras. A população devotava-lhe grande admiração e, em suas visitas à terra natal, o velho jurista era recebido com efusivas homenagens⁵⁹. Ainda que circulassem piadas e comentários maldosos a seu respeito, Rui era muito respeitado e o seu nome estava inscrito no panteão cívico da nação.

Os jornais desse período estão repletos de notícias que se referem a homenagens a Rui Barbosa. A participação de escolares era incentivada. Homenageavam o grande brasileiro entoando canções em louvor do seu nome. Nessas ocasiões, o homenageado⁶⁰ ausente era corporificado por um retrato colocado em posição de destaque.

Existem retratos do jovem Rui Barbosa, entretanto a imagem mais conhecida do jurista é a do conselheiro septuagenário. Como já se disse, aquele era o *Brasil do fraque e do espartilho*⁶¹, uma época em que a juventude não era tão valorizada. O retrato de Rui Barbosa pertencente ao acervo da Câmara⁶² é uma pintura de Presciliano Silva (1883 – 1965).



Retrato do conselheiro Rui Barbosa – óleo sobre tela de Presciliano Silva – sem data – Acervo da Câmara Municipal de Salvador.

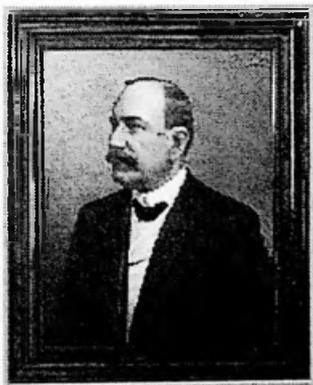
Aluno de Manoel Lopes Rodrigues e reconhecido como um dos maiores artistas baianos, Presciliano executou muitas encomendas de retratos para instituições públicas. Para a pintura do conselheiro Rui, o artista se baseou em uma fotografia de 1907 de autoria de L. Musso. O colarinho alto, a gravata borboleta e o *pince-nez* de ouro, assim como as bengalas, as cartolas e os trajes de casemira, eram considerados atributos simbólicos dos homens distintos. Outro retrato inspirado na mesma fotografia pertence ao Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.⁶³ Diferentemente da pintura de Presciliano, que traz o fundo todo escuro com destaque para o rosto de Rui, a pintura do acervo do Instituto traz o jurista baiano no ambiente de sua famosa biblioteca.⁶⁴

O período da Primeira República se caracterizou por um forte personalismo político. A atuação individual de lideranças marcava o panorama político partidário⁶⁵. Havia um intenso culto a personalidades ricamente elaboradas. Estabelecido esse *hedonismo político*⁶⁶ os militares,

os bacharéis, os políticos, os empresários são faces de uma mesma moeda. O estudo desses retratos revela como a experiência república se relacionava *com práticas ligadas à vida nas cidades e a interesses privados*⁶⁷.

O início do século vinte marcou importantes transformações urbanas para a cidade de Salvador. A administração de J. J. Seabra (1855 – 1942) significou uma guinada nos rumos da cidade. Inspirado em experiências urbanísticas⁶⁸ ocorridas em outros centros, Seabra iniciou várias obras públicas com intenções saneadoras e modernizadoras. Ao assumir o governo em 1912, muitas demolições alargaram ruas estreitas e escuras da cidade colonial⁶⁹. Para o espírito positivista, as mudanças urbanas criavam novos monumentos além da oportunidade do batismo de novas ruas e avenidas com datas e homenagens a nomes ligados ao panteão cívico.

O doutor⁷⁰ Seabra tinha um temperamento muito forte e atraía para si todos os olhares⁷¹. O seu ímpeto ao falar em público era comentado⁷². Em 1923, quando inaugurou a estátua de Castro Alves recitou, de cor, a *Ode ao dois de julho*⁷³. Tinha no bigode a sua marca registrada. O retrato pertencente ao acervo do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia é uma pintura de 1901. O existente no Museu de Arte da Bahia é de 1919. Representam, dois momentos da vida desse político. A primeira pintura de autoria desconhecida traz o famoso bigode do político com as pontas cuidadosamente reviradas. No retrato posterior, de autoria do pintor baiano Vieira de Campos (1865 – 1943), o bigode está com as pontas arriadas. No seu segundo mandato, iniciado em 1920, não tinha mais essa marca⁷⁴.



Retrato de J. J. Seabra – óleo sobre tela de Vieira de Campos – 1919 – Acervo do Museu de Arte da Bahia.

Vieira de Campos também estudou em Paris,⁷⁵ no mesmo período em que lá esteve Lopes Rodrigues. De volta à Bahia, especializou-se na pintura de retratos e foi dos artistas mais requisitados para encomendas de instituições da cidade. A quantidade de retratos

existentes da autoria do professor mostra como o seu trabalho agradava a sociedade local que admirava seus retratos de traço acadêmico. Das encomendas particulares que atendeu destacam-se os retratos do casal Bernardo e Úrsula Catarino.

O Comendador Bernardo Martins Catarino foi figura de destaque no cenário da Primeira Republica na Bahia. Sua carreira vitoriosa no mundo dos negócios é uma história de sucesso. Aos treze anos, esse português desembarcou sozinho em Salvador, com pouquíssimos recursos. Seguiu para Feira de Santana e aí se empregou numa casa de negócios⁷⁶. Aos vinte e um anos já assumira a sociedade da firma. ⁷⁷Daí em diante, um apurado tino comercial o levou a prosperar de maneira vertiginosa. Estabeleceu-se em Salvador e tornou-se uma das maiores fortunas do norte do país.

Grande benemérito⁷⁸ de várias instituições, seu retrato está presente em várias galerias de benfeitores da capital. Era sócio de grande número de sociedades filantrópicas e culturais, e sua esposa era conhecida como mãe dos pobres⁷⁹ devido a atividades de caridade. O comendador era admirado pelos operários, pois sempre cultivou uma imagem pública de patrão amigo dos seus funcionários. Chegou a mandar pintar o retrato de um antigo empregado em memória dos bons serviços prestados⁸⁰. Todo ano, no dia do seu aniversário, o comendador presenteava os operários de suas fábricas com a quantia equivalente a um salário. Era muito respeitado e seus subalternos promoviam ao chefe *carinhosas manifestações de apreço*. Em 1922, ofereceram um retrato a óleo do patrão⁸¹.



Retrato do comendador Bernardo Catharino – Óleo sobre tela de Vieira de Campos
– Acervo da Santa Casa de Misericórdia da Bahia.

O comendador dava provas de ser um homem do seu tempo⁸² e deixava o seu nome inscrito na cidade. Em 1926, foi inaugurado o Palácio Comendador Catharino, o maior prédio da cidade⁸³. O *arranha-céus da cidade*⁸⁴ tinha sete pavimentos, com 32m de altura. Era considerado o *maior edifício não só da Bahia como do norte da República*⁸⁵.

Apesar das iniciativas modernizantes, Salvador permanecia uma cidade pacata, sem os grandes atrativos dos centros mais adiantados. Os retratos da Primeira República testemunham a convivência de padrões sociais forjados no passado colonial e imperial com as instituições republicanas. Muitas solenidades de inaugurações de retratos lembravam bailes do tempo do Imperador. Nessas ocasiões o retrato era o centro das atenções⁸⁶. Por outro lado, as revistas ilustradas e o cinema povoavam de novas imagens e sensações o imaginário social. Uma infinidade de novos rostos começava a surgir. Entretanto, o cinema e a fotografia não abalaram o prestígio do retrato pintado.

Como uma espécie de Proteu⁸⁷, o deus multiforme que possuía o dom da profecia, os retratos da Primeira República são capazes de revelar aspectos fundamentais da sociedade baiana. Permitem compreender aquele período de adequação das lideranças locais ao Novo Regime. As transformações, os principais problemas sociais e as circunstâncias políticas são aspectos que o estudo dos retratos evidenciam. As diversas faces que esses retratos apresentam são sinais que servem ao aventureiro como indicadores do caminho a seguir⁸⁸.

Notas

- * Bacharel em Arquitetura - FAU/UFBA. Bacharel em Museologia - FFCH/UFBA. Mestre em Artes Visuais - EBA/UFBA. Coordenador do Memorial da Câmara Municipal de Salvador. E-mail: amsim@ibest.com.br
- ¹ Retratos pintados ou encontrados na Bahia, não necessariamente por pintor baiano, ou retrato de personalidade baiana.
- ² O retrato do provedor da Santa Casa da Misericórdia da Bahia Francisco Fernandes do Sym é considerada a pintura de cavalete mais antiga do Brasil³⁴ VALLADARES, Clarival do Prado. Nordeste Histórico – Monumental – vol. IV – Bahia, Fundação Norberto Odebrecht, 1990.. O benfeitor faleceu em 1668 mas a pintura é de 1699. Existe a hipótese de que o artista tenha se utilizado de um quadro já existente para executar o retrato do construtor do hospital de São Cristóvão. A pintura é de Felipe Veloso, um artista natural de Goa, que viveu na Bahia e aí faleceu em 1708. Também a ele foi atribuído o retrato do coronel Domingos Pires de Carvalho do acervo da Ordem Terceira de São Francisco⁵ OTT, Carlos – A Santa Casa de Misericórdia da cidade do Salvador – Publicações do patrimônio Histórico e Artístico Nacional – nº 21. Rio de Janeiro, 1960. p. 110
- ³ A Santa Casa da Misericórdia foi a mais poderosa delas. Só admitia membros alfabetizados e abastados. Teve entre seus provedores grandes proprietários de terra e financistas. Esses senhores faziam doações em benefício de hospitais, recolhimentos, orfanatos e cemitérios controlados pelo sistema de filantropia mantido pela irmandade.
- ⁴ O professor Afonso Rui de Souza refere-se a um antigo retrato de Dom João de Lencastro que os vereadores resolveram, unanimemente, colocar no Paço como prova de *gradidão pelos serviços prestados ao povo da Bahia*. Recentemente, em 1999, foi encomendado um retrato do administrador português para integrar a Galeria de Benfeitores da Câmara. A pintura do artista Floriano Teixeira é um retrato supositivo do administrador português que deixou o governo da Bahia em 1702, depois de oito anos de muitas realizações, quando conseguiu recursos, junto ao rei, para empreender melhoramentos na cidade e obras de reforma na Casa de Câmara e Cadeia. As cadeias foram ampliadas, e o edifício ganhou a torre central, em 1696. O grande estudioso da história administrativa baiana afirma que a pintura integrava a galeria dos governadores que, segundo ele, existia. Certamente esse retrato perdeu-se em meio às inúmeras reformas sofridas pelo

edifício. O único retrato remanescente do período colonial pertencente ao acervo da Câmara é o retrato de D. Rodrigo José de Meneses, I conde de Cavaleiros, que assumiu o governo da Capitania da Bahia, em 1784. A pintura traz uma inscrição na parte inferior que identifica o retratado e alguns dos seus feitos. A legenda diz: *“Exmo Senr D. Rodrigo José de Meneses Governando a Bahia criou n’ella o Hospital dos Lazaros e o Colleiro Publico em 1785”*.

- 5 Os testamentos dos grandes beneméritos trazem claras preocupações referentes ao culto dos antepassados. Parte do dinheiro legado por esses senhores deveria ser gasto com cera, vinho além de custear a roupa lavada e os ornamentos necessários à celebração de milhares de missas celebradas pela alma do benfeitor, de seus pais e avós.
- 6 A ideia de *nobless oblige* é, muitas vezes, utilizada de forma irônica mas suas raízes são antigas. Aristóteles considerava que é *natural* que os filhos dos melhores cidadãos sejam mais generosos, se é fato que a nobreza manda. (Política. São Paulo: Martin Claret, 2001. p.101)
- 7 A cidade do Rio de Janeiro transformou-se na capital da monarquia portuguesa, condição que perdurou até 1821. A impacto social não poderia ter sido maior tanto para a corte europeia como para a sociedade local. Toda a burocracia estatal portuguesa havia se transferido para o Brasil, embaixadores estrangeiros e personalidades diversas que não cessavam de aportar na cidade. A missão de artistas franceses, que chegou em 1816, procurou amaneirar os costumes locais.
- 8 O príncipe D. João era grande apreciador dos quadros vivos que Debret montava para homenageá-lo no teatro São João. Esses cenários grandiosos misturavam elementos alegóricos, muitas vezes ligados à antiguidade clássica, com os retratos da família real.
- 9 *A pátria, como a mais extremosa das mães, se extasia ante os retratos de seus filhos*. Assim escreveu o desenhista e gravador Sebastien Auguste Sisson (1824 – 1898) na apresentação da sua famosa Galeria de brasileiros ilustres, *in-folio* publicado, em 1861, sob os auspícios do Imperador. A publicação reunia litografias executadas a partir de desenhos copiados do natural pelo próprio artista francês. Para ele, as biografias dos homens eminentes de um país são páginas soltas do grande livro da história dele. Diante das litografias de Sisson, Machado de Assis pode reviver o Senado de 1860, ano em que entrou para a redação do *Diário do Rio*. ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *O Velho Senado*. In: ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Páginas recolhidas*. São Paulo: Globo, 1997. p. 117.
- 10 A distribuição dessas honrarias havia sido iniciada no tempo do príncipe D. João Os critérios sempre foram muito questionados. Após a independência, a constituição de 1824 apresentava como prerrogativa do imperador a distribuição de títulos e ordens militares. D. Pedro I no início do seu reinado fez uma derrama de títulos de barão, visconde e marquês como premiação a aliados dedicados. Mas foi durante o longo reinado de D. Pedro II que o projeto monárquico se consolidou. Durante esse período a distribuição de títulos atingiu números impressionantes. Apenas durante o período entre 1870 a 1888, quinhentos e setenta novos titulares do Império. Muitos titulares eram honrados com essas comendas por merecimento, em honra dos serviços prestados à pátria. Nesses casos o heroísmo e o valor moral eram muito considerados. Mas muitos títulos eram adquiridos no mercado de influências onde valiam, muito mais, os interesses do poder econômico. MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *O Império de chinelo*
- 11 Quando a baronesa de Langsdorf visitou o Brasil em 1843, considerou os salões do palácio de São Cristóvão vazios e *sans décor*. Dentre os raros objetos existentes, a esposa do naturalista alemão destacou o retrato de D. João VI.
- 12 O artista francês que se radicou no Rio de Janeiro em 1864 foi a maior fábrica de retratos que houve no país. Um assistente seu teria revelado que o pintor conservava, *semi-esboçadas, figuras togadas ou fardadas, a que apenas acrescentava a cabeça*. FRADIQUE, Mendes. *História do Brasil pelo método confuso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p.270.
- 13 Sociedade mutualista, criada em 1872, que ajudava artistas e operários e educava seus filhos.
- 14 QUERINO, Manoel Raymundo. *Artistas bahianos*; indicações biográficas. Bahia: Empresa a Bahia, 1909. p. 93. A execução da pintura coube ao pintor baiano Cunha Couto.
- 15 A iniciativa de Cañizares com os alunos foi apoiada por personalidades como o barão de Lucena e o professor da Faculdade de Medicina Virgílio Damásio, um dos raros republicanos históricos na Bahia monarquista de então.
- 16 A Bahia não proporcionava meios de subsistência a um artista de sua ordem QUERINO, Manoel Raymundo. *Artistas bahianos*; indicações biográficas. Bahia: Empresa a Bahia, 1909. p. 93.
- 17 No final do século XIX, o pólo dinâmico da economia brasileira havia se deslocado para São Paulo. A capital nordestina perdeu, progressivamente, o seu posto de segunda cidade do Império.
- 18 MATTOSO, Kátia M. de Queiroz. *Opulência na província da Bahia*. In ALENCASTRO, Luiz Felipe de (Org.) *História da vida privada no Brasil: Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 144 – 179.
- 19 O registro da carta que o Senado da Câmara escreveu ao príncipe regente D. João pedindo para que este preferisse a cidade de Salvador para seu estabelecimento encontra-se no Arquivo Público do Estado da Bahia (Seção Colonial - maço 132 – p. 220). Os vereadores alegavam que Salvador era *incomparavelmente* mais rica que o Rio de Janeiro e tratava-se de uma cidade metropolitana, a que foi residência do vice-reinado

- ²⁰ PINHO, Wanderley. *Salões e damas do Segundo reinado*. São Paulo: Martins ed., 1970. p. 12.
- ²¹ Para comemoração do aniversário de D. Pedro II, em 1853, o presidente da província da Bahia organizou uma cerimônia no Palácio de Governo. Quem ocupava o cargo era João Maurício Wanderley, futuro barão de Cotegipe. A programação da solenidade incluía um cortejo para saudação ao retrato do monarca. No salão ricamente decorado de vermelho e dourado com sanefas de damasco verde nas janelas, destacavam-se, sob dossel e reposteiros de veludo, os retratos do imperador e da imperatriz. O presidente da província, o arcebispo, o comandante da Guarda Nacional além de outras autoridades ladeavam as pinturas. Os convidados, em fila indiana, curvavam-se diante dos retratos e das autoridades. IDEM. p. 55.
- ²² Entre os muitos convidados encontrava-se William Headfield, autor do livro *Brazil and the river Plate and the Falklands*. Segundo escreveu, os estrangeiros suprimiam a reverência aos retratos, por julgá-la *too savage*.
- ²³ D. Pedro I foi retratado por alguns mestres da pintura baiana que ainda se dedicavam à pintura religiosa. Quando esteve em Salvador, em 1826, o Imperador deixou-se retratar pelo lente da cadeira pública de desenho, o pintor Antonio Joaquim Franco Velasco (1780 – 1833). Esse artista baiano, que se destacou na pintura decorativa religiosa, foi muito solicitado para a pintura de retratos. A pintura de seu pai a que se referiu o monarca é de 1830 e existe até hoje na Câmara. É da autoria do pintor baiano Bento Rufino Capinam (1791 – 1874), que não tem muitos retratos conhecidos. Suas pinturas de motivos religiosos decoram vários templos e irmandades da cidade.
- ²⁴ O duque d'Orleans (1773 – 1850) tinha hábitos burgueses e afetava uma bonomia de fachada que lhe valeu o epíteto de *rei cidadão*.
- ²⁵ *Na Câmara Municipal a sala é bela e tem os retratos meu, de meu pai, dos visconde de Cairu e José Bonifácio, juntos num só painel...* A recente edição do diário do Imperador, traz, equivocadamente, como nota referente a esse retrato do monarca brasileiro, que trata-se de uma pintura de João Francisco Lopes Rodrigues, conservada no Memorial da Câmara (Pedro II, Imperador do Brasil. *Viagens pelo Brasil*: Bahia, Sergipe, Alagoas, 1859 / 1860. Prefácio e notas Lourenço Luiz Lacombe. Rio de Janeiro: Bom Texto; Letras e Expressões. 203. p.74). A bem da verdade, a tela deveria ser outra que se perdeu. Pela aparência física do monarca representado por Lopes Rodrigues, não poderia ser a mesma pintura que o monarca encontrou.
- ²⁶ Deve ser pintura contemporânea ao retrato existente no Lyceu de Artes e Ofícios, obra de Cunha Couto, datada de 1880.
- ²⁷ Ver a gravura de Sisson de 1860, que retrata o Imperador com esposa e filhas no quarto de estudos (SCHWARCZ, Lília Moritz. *As barbas do imperador*: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 327), ou a gravura de Léon Noel, c. 1865 (IDEM, p.328).
- ²⁸ Sete anos mais tarde, por volta de 1866, quando contava quarenta e quatro anos a fisionomia de D. Pedro II pareceu um pouco envelhecida e preocupada à esposa do professor de História Natural, Jean Louis Rodolphe Agassiz, quando visitou a corte.
- ²⁹ Obra do pintor francês, Cláudio José Barandier, altamente requisitado nas altas rodas do Rio e São Paulo, que veio para o Brasil no final da década de 1830
- ³⁰ Abaixo do retrato o seguinte dístico latino: "*Imperium sceptumque Petrus regnumque coronam / Luminibus capitis lucidiora facit*". [Pedro, com as luzes do olhar, torna mais brilhantes o império, o cetro e a coroa do reino.]
- ³¹ Começam a aparecer as primeiras caricaturas desmoralizando o monarca. A liberdade que gozava a imprensa era muito grande. O imperador era alvo de piadas sarcásticas. Era chamado de *Pedro banana*, pela indiferença que demonstrava pelos negócios de Estado
- ³² Conhecida irmandade de negros, fundada em Salvador em 1832 com o objetivo de comprar a liberdade de negros escravos e promover a instrução e o amparo religioso de seus associados.
- ³³ Um dos primeiros membros a merecer o reconhecimento dos seus pares pelos serviços prestados à causa da *Sociedade Protetora dos Desvalidos* foi o sr. Felipe Benício presidente do Diretório no exercício de 1892. Em Assembléia Geral, reunida em nove de agosto daquele ano, um grupo de associados apresentou uma proposta pedindo que se colocasse o seu retrato no salão nobre como prova de reconhecimento. Foi aprovada com emenda do sr. Terêncio Aranha Dantas que solicitou também colocar o retrato do ilustre sr. Manoel do Nascimento de Jesus por seus relevantes serviços prestados
- ³⁴ BRAGA, Júlio Santana. *Sociedade Protetora dos Desvalidos*, uma irmandade de cor. Salvador, Inimá. 1987. p. 31.
- ³⁵ Em 1925, para as comemorações do centenário de nascimento de seu nascimento, o representante pela Bahia na Câmara dos Deputados, dr. José Wanderley de Pinho, foi autor de um projeto de lei referente às homenagens ao imperador. O governo ficava autorizado a despende até mil e quinhentos contos de réis com os festejos. A iniciativa do deputado baiano é prova incontestada da reverência do povo baiano ao monarca brasileiro, aclamado como rei filósofo. *Diário da Bahia* de 24/09/1925.
- ³⁶ A República nasceu como uma ditadura militar. O grupo deodorista era formado por oficiais veteranos da Guerra do Paraguai (1864 – 1870). O maior conflito internacional ocorrido na América do Sul servira para valorizar o papel do desprestigiado exército brasileiro.

- ³⁷ *Jornal Moderno*, 08 de março de 1913 – p. 01.
- ³⁸ Em 1925, deputado Wanderley Pinho apresentou a proposta de que o aniversário de D Pedro, dia dois de dezembro, fosse decretado feriado nacional. O projeto foi considerado uma provocação monarquista por outros deputados.
- ³⁹ Como vice-presidente de Deodoro, assumiu a o governo após a renúncia do velho marechal por motivos de saúde. Desrespeitou o preceito da Constituição da República de convocar novas eleições no caso da vacância presidencial em um período inferior a dois anos de mandato.
- ⁴⁰ SILVA, Hélio. *O primeiro século da República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987. p. 29.
- ⁴¹ *Em nome do marechal Floriano, qualquer oficial, ou mesmo cidadão, sem função pública alguma, prendia e ai de quem caía na prisão, lá ficava esquecido sofrendo angustiosos suplícios de uma imaginação dominicana* (LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Rio de Janeiro: Edições Ouro, [19—]. p. 175.
- ⁴² LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Rio de Janeiro: Edições Ouro, [19—]. p. 194 e 195.
- ⁴³ IDEM
- ⁴⁴ Em novembro desse mesmo ano encerrava o seu mandato. O presidente estava doente e morreria no ano seguinte.
- ⁴⁵ MATTOS, Waldemar. *Pinacoteca do Paço Municipal*. Salvador: Tipografia Mairu, 1959. p. 66. A legenda não mais existe.
- ⁴⁶ Chamava-se *Galeria de Pintura e Fotografia*, e executava serviços de retratos retocados, por volta de 1873. Coloridos à mão, esses retratos eram muito procurados pela possibilidade que ofereciam de melhorar os traços do retratado, coisa que o método fotográfico reproduzia com extrema fidelidade, muitas vezes indesejável.
- ⁴⁷ As transformações ocorridas com o aparecimento da fotografia interessaram o alemão Walter Benjamin (1892 – 1940). Estudou as suas implicações sociais no livro, *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*, escrita em 1936. Foi dos primeiros a perceber, como a rosto humano foi o principal tema das primeiras fotografias. Benjamin identificou que o último bastião do valor de culto foi o *culto da saudade*, dos *amores ausentes* e dos *defuntos*.
- ⁴⁸ *O Imparcial* de 26/09/1926. p. 03
- ⁴⁹ Foi ministro da Guerra do governo Prudente de Moraes que desde 1894 iniciara a fase civil da República brasileira. O militar gaúcho esteve na Bahia, em 1897, trazido pelo conflito de Canudos. Em novembro desse mesmo ano, durante uma visita ao Arsenal da Guerra, no Rio de Janeiro, um soldado tentou alvejar o presidente. A bala não atingiu o alvo. Instalou-se uma luta e o marechal, ao proteger o presidente, foi apunhalado.
- ⁵⁰ O primeiro, datado de 1897, pertence ao acervo da Câmara Municipal de Salvador. Outro de 1898, está no Museu de Arte da Bahia. A procedência não foi esclarecida. O terceiro, pertencente ao Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, não tem data, mas deve ser contemporâneo aos outros dois.
- ⁵¹ Lopes Rodrigues às vezes chorava como uma criança, enterrando a bela cabeça precocemente encanecida nas mãos convulsas (*O Imparcial*, 26/09/1926).
- ⁵² FRADIQUE, Mendes. *História do Brasil pelo método confuso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- ⁵³ Os embates entre o senador gaúcho Pinheiro Machado (1851 – 1915) e Ruy Barbosa (1849 – 1923) ilustram essa conflituosa relação. Certa feita no Senado, o político baiano interrompeu o discurso do colega e corrigiu o português do general. Ouviu então desse último que, enquanto o junista aprendia a falar certo, ele lutava na Guerra do Paraguai (RODRIGUES, Nelson. *O Óbvio ululante: primeiras confissões crônicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 18).
- ⁵⁴ O próprio nome de *República dos estados unidos do Brasil*, foi proposta sua.
- ⁵⁵ Rui lutou abertamente contra o poder discricionário de Floriano. Foi contra a deposição de governadores e defendia o princípio da organização federativa, motivo pelo qual dizia ter se tomado republicano. Teve que exilar-se para a Inglaterra, onde ficou até 1895.
- ⁵⁶ MANGABEIRA, João. *Rui, o estadista da República*. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 1999. p. 44
- ⁵⁷ Seu nome estava associado a inúmeros epítetos: *oráculo da nação, maior dos brasileiros, apóstolo, grande brasileiro, o águia de Haia* etc. Jorge Amado escreveu: *Rui – esse homem para que o adjetivo excelso parece ter sido inventado*. (*O Imparcial*, 01/03/1944)
- ⁵⁸ Rui foi presidente do Senado de 1906 a 1909. Foi então convidado para chefiar a delegação brasileira na segunda Conferência de Paz de Haia, onde se consagrou pela participação na assembleia diplomática internacional.
- ⁵⁹ Quando esteve em Salvador em 1921, foi aclamado como um verdadeiro ídolo. (*A Tarde*, 12/10/1949).
- ⁶⁰ Homenagem do Abrigo dos Filhos do Povo. O préstito seguiu até a sede do Instituto Histórico onde foi realizada a cenmônia diante de um retrato de Rui colocado na porta principal do edifício.

- ⁶¹ RODRIGUES, Nelson. *O Óbvio ululante: primeiras confissões crônicas*. São Paulo: Companhia das letras, 1993. p. 13.
- ⁶² A pintura não é datada. A revista *O Phanal*, revista mensal. no seu nº32, de julho de 1925, na página 24, traz o artigo *Mais uma homenagem* diz que o Conselho Municipal em justa homenagem ao nome inoxidável do conselheiro Ruy Barbosa, colocará no seu salão nobre, hoje, 2 de julho o retrato do filho augusto da Bahia. Segundo o estuioso da pinacoteca do Paço, Waldemar Matos, a Câmara Municipal, em sessão solene, inaugurou o retrato em sua galeria 13 de maio de 1928. Talvez o retrato a que se refere a revista de 1925, fosse uma fotografia, já que não é mencionado o nome de Presciliano.
- ⁶³ Pintura do artista piauiense Lucílio de Albuquerque (1887 – 1939)
- ⁶⁴ Segundo a tradição de retratos do século XIX as imagens adotam um tipo modelo que combina o particular (dado pelos objetos e pelos entomos) com o formal; ou seja, a expressão que lembra qualidades universais como a sabedoria e a bonomia. (SCHWARCZ, 1998, p. 88).
- ⁶⁵ SAMPAIO, Consuelo Novais. *Os partidos políticos da Bahia na Primeira República: uma política de acomodação*. Salvador,: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1975. p. 18.
- ⁶⁶ CARDOSO, Sérgio. Que República? Notas sobre a tradição do "Governo Misto". In: BIGNOTTO, Sérgio (Org.). *Pensar a República*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000. p. 29.
- ⁶⁷ BIGNOTTO, Sérgio (Org.). *Pensar a República*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000. p. 08.
- ⁶⁸ O eminente sr. Seabra sabia muito bem que assim tinha de ser. Ele viu que no Rio de Janeiro assim foi: os novos prédios, na mesma proporção dos trabalhos da Avenida, hoje chamada Rio Branco... (*Jornal de Notícias*, 01 de julho de 1915). p.01
- ⁶⁹ IDEM.
- ⁷⁰ O seu "doutor" pela faculdade de Direito do Recife foi mais do que um título: uma fórmula. Começou estudioso e competente. Terminou sem ler mais nada. Na juventude êmulos dos lentos acabou como um estudante verboso. Evocando o concurso célebre, todos lhe chamaram, pela vida afora, de doutor. (CALMON, Pedro. *Memórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. 68
- ⁷¹ O seu perfil de proconsul romano, correto no traje altaneiro, insinuante e imperioso, revela aos que o observam , as altas qualidades de regedor de homens e gueiro de multidões (BARROS, Francisco Borges de. *Dr. J. J. Seabra – sua vida, sua obra na República*. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1931. p. 37.
- ⁷² É espalhafatoso e loquaz. Se se tivesse dedicado à arte cenográfica daria um excelente fabricante de apoteoses nos melhores teatros de revistas e burletas. Não o tendo feito vai fabricando as maiores pochades políticas. E tem toda a encenação do despotismo. Quando fala em público é esmurrando a tribuna, tem gestos funosos e a sua face, onde o bigode pintado parece zurzir filisteus, fica apoplética como a querer explodir em raios. Para se apossar do governo da Bahia valeu-se do bombardeio. Era capaz de valer-se de um terremoto para alcançar a presidência da república (apud *Diário de Notícias*, 21/01/1913, p. 03).
- ⁷³ CALMON, Pedro. *Memórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. 68.
- ⁷⁴ O retrato de Seabra do acervo da Câmara retrata o governador sem bigode. Trata-se de uma pintura de Alberto Valença (1890- 1983), datada de 1944. O governador está sem o bigode. Trata-se de um retrato póstumo.
- ⁷⁵ Mandado pelo imperador D. Pedro II. Realizou seis anos de curso de aperfeiçoamento.
- ⁷⁶ Joaquim José da Costa & Irmão.
- ⁷⁷ Data desse período o seu primeiro retrato a crayon de autor não identificado do acervo do Instituto Feminino da Bahia.
- ⁷⁸ Não há instituição de assistência social nesse estado, que não tivesse merecido sua ajuda em valiosas contribuições pecuniárias (*Diário da Bahia*, 24/02/1944. p. 03)
- ⁷⁹ *Diário de Notícias*, 09/09/1924)
- ⁸⁰ Convencido de que cultivar a memória dos trabalhadores honrados é dar um bom exemplo à geração de hoje promoveu e assistiu a inauguração do retrato de Rodrigo de Figueiredo, antigo e saudoso administrador da Fábrica à Fonte Nova (*Diário da Bahia*, 02/07/1928. p. 06).
- ⁸¹ Às 11 hs, com a presença de amigos, sócios e auxiliares da Moraes & Cia o sr. Osmar Gomes, num bem feito improviso em que exalçou as qualidades do sr. Comm. Catharino, fez entrega ao sr. Alberto Catharino, sócio gerente, em nome dos seus companheiros de escritório, de um retrato a óleo do homenageado, por este não se achar presente, trabalho primoroso do pincel de Presciliano Silva...O gabinete do sr. Comm. Catharino achava-se recamado de flores (*O Imparcial*, 04/07/1922, p. 02).
- ⁸² O comendador era um grande entusiasta da aviação Quando em 1922 Sacadura Cabral e Gago Coutinho passaram pela Bahia no primeiro grande vôo transoceânico, o Com. Martins Catharino ofereceu em sua residência uma recepção aos pilotos lusitanos. Em 1940, o comendador doou à Companhia Nacional da Aviação, um aparelho a que deu o nome de Castro Alves. Seu entusiasmo pela aviação brasileira levou-o ainda a doar outro aparelho, o *Senhor de Engenho do Recôncavo Mem de Sá*, este em nome da *Companhia Progresso e União Fabril* (*Diário de Notícias*, 24/02/1944, p. 03).

⁸³ Situava-se na rua Chile, a rua do fetiche em Salvador.

⁸⁴ *Diário de Notícias*, 03/07/1926, p. 01

⁸⁵ *O Imparcial*, 02/07/1926, p. 01

⁸⁶ Em 1908 a diretoria da Associação Comercial da Bahia comemorava o centenário da abertura dos portos do Brasil com uma sessão solene na qual foram inaugurados os retratos de D. João VI e do Visconde de Cayru. A sessão magna de inauguração foi uma solenidade concorrida. Mais de quinhentos convites haviam sido distribuídos. O edifício da Associação Comercial estava ricamente ornado e iluminado interna e externamente a luz elétrica. De cada porta e janela, caíam bonitas galenias douradas pequenos festões de flores naturais, em forma de sanefas que se iam prender em escudos representando o comércio, a indústria, artes e lavoura (*Diário de Notícias*, 23/01/1908, p. 01).

⁸⁷ Deus marinho, filho de Netuno, habitava a ilha egípcia de Faros. Possuía o dom da profecia. Entretanto, para obter suas predições, era necessário acorrentá-lo enquanto dormia. Nessas ocasiões, Proteu se metamorfoseava em animais, vegetais, água e fogo. Se o interessado não se assustasse e o mantivesse preso, ele retomava a forma original e respondia a todas as perguntas.

⁸⁸ Quando o guerreiro Menelau foi retido na ilha de Faros por ventos desfavoráveis, procurou Proteu. O deus transformou-se em leão, serpente, pantera, javali, água e árvore. Finalmente indicou ao herói como retornar à sua pátria (*Dicionário de mitologia greco-romana – Abril Cultural*, 1973. p. 159).